



HAL
open science

A filosofia humanista do antropólogo Manuel Viegas Guerreiro

Egídia Souto

► **To cite this version:**

Egídia Souto. A filosofia humanista do antropólogo Manuel Viegas Guerreiro. Revista FMVG n.º 30 | n.º 30 junho- Cultura Algarve p. 35-52. , 2022. hal-03914142

HAL Id: hal-03914142

<https://hal.science/hal-03914142>

Submitted on 27 Dec 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A filosofia humanista do antropólogo Manuel Viegas Guerreiro

Egídia Souto*****

*O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente
sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que
servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.*

Mia Couto¹.

O sonho é um ideal que garante o acesso ao que por vezes não imaginávamos possível. E, sem sonhos não há outros possíveis e muito menos expectativas. Decorreram já quase três anos sobre o meu primeiro encontro com a obra e o espólio de Manuel Viegas Guerreiro. Encontro esse que tem vindo a constituir para mim um desafio. Pois, a obra desta figura incontornável abriu novos caminhos para aprofundar o meu estudo sobre os primórdios da etnografia portuguesa e as suas especificidades ligadas à literatura popular. Em pleno mês de maio, no Festival Literário Internacional de Querença (FLIQ 2019) consagrado ao poeta algarvio Nuno Júdice, a sessão iniciou-se com uma homenagem ao antropólogo e criador dos Estudos Gerais Livres, Manuel Viegas Guerreiro. Quando encontros desta natureza acontecem e a poesia se cruza com a antropologia, no lugar onde nasceu o pensador e na Fundação que valoriza o seu espólio é, sem dúvida, um feliz acaso. Com efeito, é esse caminho, onde todas as coincidências e espontaneidades acontecem, que me leva a questionar sobre o pensamento deste homem nascido no barrocal algarvio. Como afirmaram os especialistas autores, Maria Lucinda Fonseca e Francisco Melo Ferreira, “o convívio na infância e juventude com a gente simples dos campos do seu querido Algarve, foi a Escola onde adquiriu, quase sem dar por isso, a extraordinária capacidade de comunicação e comunhão com

¹ Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Caminho, 2013.

outros homens, independentemente dos contextos geográficos, culturais e sociais em que os encontrasse”².

Nascido em Querença no dia 1 de Novembro de 1912 e falecido em 1997 com 84 anos, Manuel Viegas Guerreiro foi, sem dúvida, uma figura marcante do século XX, não só no Algarve popular que muito o marcou e quiçá determinou a sua vocação de etnólogo, mas em Portugal aquém e além-mar com as viagens a Angola e Moçambique a partir de 1948 em plena ditadura militar. Sair do país para resistir parecia ser uma via para acalmar a curiosidade de MVG. Em jeito de introdução, recordemos as palavras do filósofo e amigo de Manuel Viegas Guerreiro, Agostinho da Silva, que fazem eco às considerações que pretendo tecer.

Reservemos para nós a tarefa de compreender e unir; busquemos em cada homem e em cada povo e em cada crença não o que nela existe de adverso, para que se levantem barreiras, mas o que existe de comum e de abordável, para que se lancem as estradas da paz; empreguemos toda a nossa energia em estabelecer um mútuo entendimento; ponhamos de lado todo o instinto de particularismo e de luta, alarguemos a todos a nossa simpatia. [...] Aprendamos a chamar irmão ao nosso irmão e façamos apelo ao nosso maior esforço para que se não quebre a atitude fraternal, para que se não perca o dom de amor, para que se não cerre o coração à mais perfeita voz que nos chama e solicita.³

Na obra de Manuel Viegas Guerreiro, o “dom de amor” a que se refere Agostinho da Silva, o humanismo e, dir-se-ia mesmo, o universalismo que procurou encontrar, são pontos fundamentais. Destaca-se pela forma como defendeu o estudo dos povos, dos seus hábitos e a maneira como transmitiu junto dos seus pares e estudantes, uma lição de vida no sentido antropológico sem hierarquia de raças, teorias ainda vigentes na sua época. Ora MVG, etnólogo e antropólogo, estudou como poucos a tradição popular portuguesa no sentido mais universal e legou uma obra profícua e variada, sempre submetida a rigor metodológico. Neste apontamento, procurarei salientar estes aspetos e farei convergir, de forma não exaustiva, o olhar para o depoimento humanista com que, em 1981, o etnólogo escreveu:

² Maria Lucinda Fonseca, Francisco Melo Ferreira, “Manuel Viegas Guerreiro: evocação de um mestre e amigo” in *Finisterra*, Janeiro de 1998. (consultado 20/08/21) https://www.researchgate.net/publication/28181201_Manuel_Viegas_Guerreiro_evocacao_de_um_mestre_e_amigo

³ Agostinho da Silva, *Considerações [1944]*, in *Textos e ensaios filosóficos*, I, Lisboa, Âncora Editora, 1999, p. 117.

(...) O povo de Pitões me ensinou a ser mais directo, mais autêntico, mais o que sou e menos o que me obrigam a ser. Na sua linguagem livre estava o homem livre com que cada um de nós devia reencontrar-se neste mundo de formalidades e disfarces. Esta é, uma das grandes lições que me deu. A outra, porventura maior, foi a que quotidianamente de todos recebi e constitui a própria substância do livro. Eles mo ditaram, só o escrevi.⁴

Em algumas palavras podemos resumir esta experiência em duas características essenciais: a lição de humildade e resistência que apreendeu o etnólogo durante os longos meses de trabalho de campo em Pitões das Júnias em 1978. A pequena aldeia a 1200 metros de altitude rural do norte do país, é-nos apresentada como um *topos* à primeira vista utópico. No entanto, a partir dali Manuel Viegas Guerreiro observa outro tipo de sociedade autêntica e com valores que ele opõe à sociedade do tempo dele e do contexto intelectual vigente da época.

“A infinita liberdade de aprender”

O texto de MVG promove no leitor, um depoimento que demonstra que nada é linear. Denota-se com estas palavras que há, nas suas monografias etnográficas de pendor ensaístico, uma polifonia e uma polissemia que assentam numa perspectiva de desconcertante empatia perante o povo estudado e que, ao invés de serem puramente analíticas, ganham ecos numa observação apraz, justa e desenvolvida num sentido de alcançar a sabedoria comum. Por essas razões, dir-se-ia que este lugar não é utópico, pois, não provém de uma fantasia, de um "lugar que não existe", mas corresponde sim à construção viável de um lugar que é dinâmico e que tem por isso a possibilidade de existir. Pitões das Júnias e as suas gentes fazem parte do grande empreendimento que sempre animou MVG: o desenvolvimento da responsabilidade individual e cívica de cada um para que fosse possível atingir um processo de construção de valores que não se restringem a um só lugar, mas que o antropólogo queria ver circunscritos à humanidade. Como se lê na citação, o povo foi quem “ditou” e “deu lições”, em suma, o etnólogo vê-se aqui no papel de escritor e de mediador entre os discursos e os mundos, contribuindo para o dever de ensinar, aprender e difundir os saberes. Vejamos que se trata de aprender em todas as circunstâncias e com todas as realidades

⁴ Manuel Viegas Guerreiro, *Pitões das Júnias: esboço de monografia etnográfica*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1981.

sociais “o tal pendor pedagógico” de que nos fala MG. É esse o lema que o guiou ao longo dos anos, das missões africanas de 1948 até 1985 quando viajou a Cabo Verde para ensinar antropologia cultural. Não nos esqueçamos que também aprendeu com a terra/húmus, a terra do sul e a terra de África.

Na sua incansável vocação para tudo aprender e para empreender, o método do antropólogo é o da ousadia para encontrar nesse outro uma permanente fonte de interesse. É o confronto que permite avançar na reflexão. O discurso de MVG traça o seu próprio roteiro, quer seja pela profundidade do pensamento com que aborda tudo o que ao humano se refere, quer seja pela complexidade das fontes, pela natureza e pelo tipo de terreno que estuda. É um homem com ideias do seu tempo certo, no entanto, tem uma outra cosmovisão desenhada pelos depoimentos e pelos textos de vários cânones. Ao longo da sua existência MVG cruza geografias e aproxima latitudes, cartografa maneiras de ver o mundo, recria informações e deixa testemunhos. Fala-se do homem que “defendia o estudo da cultura expurgado de qualquer tipo de juízo valorativo, entendido como um vício do etnocentrismo europeu”⁵ como refere Rita Mendonça Leite. A historiadora Isabel Castro Henriques também reforça a tese que o etnólogo criticou “a utilização do conceito de «raça», contrapondo o modelo etnocêntrico”⁶. Como referi, grande parte da obra de MVG assenta no humano, na sua história e compreensão, para comprová-lo basta consultar a erudição da sua biblioteca. Manuel Viegas Guerreiro viveu durante a ditadura e lembremo-nos que, em 1948, numa carta ao amigo Agostinho Silva, na altura exilado no Uruguai, pede-lhe ajuda para sair do país⁷. Ora, tal nunca aconteceu e parece-me que uma forma de lidar com a opressão do regime terá sido a etnografia, as viagens para África a partir de 1948 assim como o trabalho pedagógico que empreendeu. Ressalve-se que nunca deixou o ensino, mesmo sendo assistente de alguns dos mais importantes nomes da etnografia portuguesa tais como Leite Vasconcelos.

⁵ Rita Mendonça Leite, “Manuel Viegas Guerreiro”, in *Dicionário de Historiadores Portugueses*, 2014, (consultado a 7/09/2021), <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/guerreiro.pdf>

⁶ Isabel Castro Henriques Rita Mendonça Leite, Manuel Viegas Guerreiro, *Ovawkankala (bochimanes) e Ovawkanyama (bantos): aspectos do seu convívio - uma interpretação histórica*. Consultado a 3/02/2022 <http://www.fundacao-mvg.pt/o-patrono/viagens-pela-obra-de-manuel-viegas-guerreiro/ovawkankala-bochimanes-e-ovawkanyama-bantos-aspectos-do-seu-convivio>

⁷ In Rita Mendonça, *op.cit.*

Tudo aprender para empreender

Manuel Viegas Guerreiro reconhece e evidencia o compromisso que tem com os que tudo lhe ensinaram: os inúmeros poetas da terra, para além dos povos com quem convive, os Bosquímanos em Angola e Macondes em Moçambique. Esta admiração pelo povo, à semelhança de Agostinho Silva, não terá sido um grito para que fosse feita nas instituições e na academia o trabalho de reconhecimento da “sabedoria do povo”? Segundo MVG “(com) esse resultado havemos de chegar, quando em diversidade e profundidade se conduzir a análise etnográfica. Sem essa informação de base não é possível caracterizar minimamente cultura de classe e cultura nacional e nem em toda a sua extensão o que é universal no homem”⁸. Estas asserções levam-me a pensar na importância do rigor para estabelecer um método científico. Etnografia, historiografia, literatura e ensino terão sido o desafio de toda uma vida, como referiu num colóquio em 1986 sobre literatura popular e que tão bem demonstra o profundo engajamento de um intelectual humanista militante nas suas vertentes de estudo:

Vivemos sob o signo do povo: em política, em sociologia, em religião e até nos domínios da arte. Os governantes são do povo e para o povo. *Tudo pelo povo*, onde antes estava *pela nação*. Os sociólogos buscam servi-lo, não é outra a doutrina social da Igreja. A arte popular ganha força e prestígio⁹.

O interesse que se evidencia na obra de MVG pelas tradições populares e pela cultura local é notório desde os anos de liceu quando se interessa pela recolha das “poesias do senhor Francisco Martins Faria” em 1927, e em 1930 destaca-se o texto de cariz antropológico “O Homem através do Tempos”, publicado no jornal *Comércio de Portimão* em 1957. Atentando nas diferentes versões que recolheu ao longo dos anos pelos vários países, percebemos que foi, desde sempre, um recolector incansável. E, creio que, este interesse não é mero acaso na medida em que, desde jovem,

⁸ Manuel Viegas Guerreiro, « *Litterature Orale Traditionnelle Populaire* », Actes du Colloque, Paris 20-22 Nov. de 1986, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1987. Digitalizado e revisto por Domingos Morais em Novembro de 1999. (Consultado a 10/09/2021) in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.pdf>

⁹ *Idem*

convive com a poesia de Silva Varejota, poeta popular da aldeia¹⁰. Releia-se estes versos coletados por MVG em 1977:¹¹ “É na terra que semeio/de todo o meu alimento (...) Na terra tudo é criado”.

O corpo da criatura
É só terra e nada mais,
Os nossos restos mortais
Estão sujeitos à sepultura;
Isto é a verdade pura.
Tudo na terra é criado,
Depois torna ao mesmo estado,

Visto na terra viver,
E a terra me há-de comer

Depois de ser sepultado¹².

Para uma antropologia humanista

Entendemos que não é a técnica, nem o valor artístico, nem mesmo a mestria dos versos que MVG convoca, mas sim o diálogo com a terra, as suas mitologias, o seu povo, a poesia e a arte popular. Digamos que a literatura e os “dizeres do povo”, foram o mote para reflexões acerca do tempo, da morte e sobretudo da condição humana. Talvez tenha sido esta génese a encaminhar e a forjar o olhar humanístico e o carácter de sensibilidade voltada para a alteridade. Sem dúvida, o seu périplo por variadas geografias foi fulcral.

Ao longo da história, as inovações introduzidas pelo olhar antropológico possibilitaram uma conceção atenta ao diálogo para permitir encontrar novas soluções perante as nossas diferenças culturais (MONTIEL). Contudo, com base neste princípio de diálogo entre culturas, observa-se que é preciso estabelecer bases ideais, pois, as culturas interpelam-se mutuamente no processo de permuta. Acredita-se que as convivências, a partir de 1957, com Margot Dias e Jorge

¹⁰ *Os versos de Francisco Martins Farias, poeta popular* prefácio de Manuel Viegas Guerreiro, Querença, Junta de freguesia de Querença, 1991.

¹¹ Manuel Viegas Guerreiro, “O Homem e a Terra em um Poeta popular do Algarve” in *Natureza e paisagem*, n.º2, Março, Lisboa, Secretaria de Estado do Ambiente – Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1977, pp. 52-55.

¹² Manuel da Silva Varejota, sítio dos Funchais, f. de Querença, c. de Loulé. Colector: Manuel Viegas Guerreiro

Dias em África¹³, terão contribuído para alargar os horizontes do método de trabalho de campo¹⁴ de MVG¹⁵.

No caso de MVG, digamos que o mestre praticou até ao fim da vida uma antropologia cívica a partir das conceções dos três humanismos de Claude Lévi-Strauss¹⁶ (1956) e aplicou sobretudo sobre o terceiro humanismo que estaria mais voltado para o alvorecer do olhar antropológico. Para MVG, tal como para Claude Lévi-Strauss, a etnologia é um humanismo capaz de desmoronar os alicerces de um pensamento antropocentrista¹⁷ como defende Claude Lévi-Strauss neste texto fundamental publicado em 1973.

A etnologia, que busca a sua inspiração nas sociedades mais humildes e desprezadas, proclama que nada do que é humano pode ser estranho ao homem, e assim funda um humanismo democrático que se opõe aos que o precederam, criados para privilegiados, a partir de civilizações privilegiadas. E por mobilizar métodos e técnicas emprestados de todas as ciências para fazê-los servir ao conhecimento do homem, ela convoca à reconciliação entre o homem e a natureza, num humanismo generalizado.¹⁸

Pois, se as gerações parecem destinadas ao esquecimento, o ensaio etnográfico permite resgatá-las ao figurar como uma espécie de depósito da memória dos tempos e dos seres. Em suma, o *kairos* que tudo funde num imenso universo humano. Diria mesmo que este lugar imerso na natureza de Querença, com a tradição oral e os mestres do povo, bem antes dos eruditos, foram os que mais influenciaram Manuel Viegas Guerreiro para prosseguir os estudos de etnologia.

¹³ Jorge Dias/Manuel Viegas Guerreiro, *Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português: relatório da campanha de 1957 (Moçambique e Angola)*, Lisboa, Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar, 1958, p.2.

¹⁴ Destaque-se as publicações de MVG na década de 60, «Literatura oral dos Macondes», in *Comércio do Porto* de 10 de Março de 1959 ou ainda *O Conto Maconde de tema universal* (1962).

¹⁵ Referir-se ao estudo exaustivo de Luísa Guerreiro Martins, *Caderno de Campo Manuel Viegas Guerreiro Moçambique 1957*, Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, 2016.

¹⁶ Claude Lévi-Strauss, « Les trois humanismes », de 1956, republié dans *l'Anthropologie structurale II* [1973], Paris, Plon, 1996, p. 319-322.

¹⁷ Cf a análise do antropólogo João Leal, *Antropologia em Portugal Mestres, Percursos, Transições*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, p.81-99.

¹⁸ Claude Lévi-Strauss, *op.cit. Antropologia estrutural II*, Cosac Naify, 2013. Trad Beatriz Perrone-Moisés, p.320.

Resgatar a memória

Para melhor compreender o homem e a obra, de modo breve e para quase a concluir, atentemos no seu percurso de Querença para o mundo¹⁹. Estuda no Liceu de Faro e licencia-se em 1936, em Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, percorre em seguida o país de lés a lés para lecionar. Os anos de 1932 e 1936 foram cruciais pois deram-lhe a possibilidade de fazer parte do grupo de investigadores que mais marcaram os estudos antropológicos, geográficos e a reflexão filosófica em Portugal e que exerceram uma influência notória no seu trabalho. Este grupo integrava Orlando Ribeiro (1911-1941), o pai da geografia cultural, Rodrigues Lapa (1897-1989), Agostinho Silva (1906-1994), o grande filósofo do século XX e Leite de Vasconcelos (1858-1941). Este último foi o mentor de MVG, que viria a tornar-se seu assistente entre 1940 e 1941 e de 1955 a 1970, data em que ordenou e publicou os manuscritos de Leite de Vasconcelos, em particular a *Etnografia Portuguesa*, em 10 volumes (1948-1989), a partir do 4.º volume.

Uma certeza temos, a de que a literatura popular e o estudo dos povos africanos desde 1955 levaram o autor a instaurar um profícuo diálogo entre literatura e antropologia. Acima de tudo, interessa ser científico e comparar, analisar, fazer trabalho de campo para perceber. E isto fê-lo com mestria MVG como demonstram as inúmeras publicações na área. Assente numa informação plurifacetada e de grande amplitude científica, o ensaísmo de MVG é iluminado por um rigoroso conhecimento clássico e filosófico. Saliente-se que em 1969 doutorou-se em Etnologia na Universidade de Lisboa e em 1971, já com esta experiência e apoiado pelos seus mestres, torna-se professor catedrático de etnologia da Faculdade de Letras. Desde logo, veja-se que o antropólogo procurou dar continuidade ao que lhe foi transmitido pelos mestres Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro²⁰. Estes anos, como relembra o antropólogo João Leal, são também anos de transição na história da antropologia portuguesa²¹. Neste período, várias escolas se constituem, MVG exila-se na sua própria escola e filosofia influenciada pela renovação trazida por Jorge Dias²². Ciente dessas mudanças, num dos livros já citado, coloca uma questão essencial em antropologia²³: como

¹⁹ Para uma visão mais ampla Cf Rita Mendonça Leite, in *Dicionário de Historiadores Portugueses*, op. cit.

²⁰ Manuel Guerreiro Viegas - *Etnografia e Geografia: Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro*, in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, I, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1984, pp. 63-75.

²¹ op.cit, p.115-116.

²² Cf João Leal, p.149-166.

²³ Mondher Kilani « L'anthropologie de terrain et le terrain de l'anthropologie. Observation, description et textualisation en anthropologie » in *Réseaux. Communication - Technologie – Société*, 1987, pp. 39-78.

escrever o terreno e como tornar legível as notas para o leitor, como insistia Margaret Mead (1977)? Numa atitude que demonstra bem esta observação participante por parte de Manuel Guerreiro, este afirma:

Não saberei dizer em que escola, propriamente, me filio, na posição teórica que assumo. Talvez um funcionalismo de forte acento social, um imenso desejo de que o que escrevo venha a servir a comunidade que estudei e a nação a que pertença. E, juntamente, um pendor pedagógico que me vem da vocação e do ofício. Sempre estou querendo ensinar, tornar claro e acessível o que escrevo.²⁴

O que se conclui com esta afirmação é sem dúvida o engajamento social de um homem que procurou levar o saber a todos e aproximou a cultura popular da cultura universitária. Foi precisamente com este intuito que criou com Agostinho da Silva os *Estudos Gerais Livres – Ensino Público e Gratuito* em 1988, reunindo assim os maiores especialistas nacionais, nas mais diversas áreas do conhecimento. Certo, nos últimos anos, nomeadamente com o trabalho da Fundação, têm-se multiplicado os estudos académicos, científicos e as homenagens a MVG. No entanto, carece ainda que seja dado maior relevo ao estudo do pensamento etno-filosófico desenvolvido por este investigador que cedo se preocupou com a transmissão da memória e no ser um modelo do Homem das leis, tal como que proclamou Montesquieu (1748).

Lembro que MVG marcou a etnologia, mas foi sobretudo pioneiro na forma como defendeu a educação como chave para a compreensão do outro, evitando desta feita o reducionismo. E isto deve-se, sem dúvida, à sua curiosidade e grande erudição.

Termino com esta interrogação e mensagem de Manuel Viegas Guerreiro, que nos lança um desafio a todos nós seres humanos: o de resgatar a nossa humanidade.

Como reconstituirá o historiador o passado sem recorrer à lição que os textos populares dão? Como há-de prescindir de uma comunicação directa e autêntica tantas vezes arreada da documentação dos arquivos? E o psicólogo, o filósofo como não-de erguer suas construções? E como achar as coordenadas que definem a identidade de uma nação sem a voz do povo, que é afinal tudo o que fomos, somos e seremos?²⁵

²⁴ *op.cit.*, 1981, p. 30.

²⁵ *op.cit.*, 1986.

Afinal, não terá sido investido nesta filosofia humanista, universal e democrática, de que nos falava Claude Lévi-Strauss, que Manuel Viegas Guerreiro procurou seguir e transmitir com a “infinita liberdade de ensinar” em tempos, antes, durante e depois do Regime, novos caminhos para a liberdade de pensar?

*******(Investigadora do CREPAL Sorbonne Nouvelle, investigadora do Centro de Estudos Africanos, do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e do Instituto de Antropologia Cultural Frobenius, Universidade Goethe de Frankfurt**

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Henriques Isabel “Viegas Guerreiro, *Ovawkankala (bochimanes) e Ovawkwanyama (bantos): aspectos do seu convívio - uma interpretação histórica*”. Consultado a 3/02/2022 <http://www.fundacao-mvg.pt/o-patrono/viagens-pela-obra-de-manuel-viegas-guerreiro/ovawkankala-bochimanes-e-ovawkwanyama-bantos-aspectos-do-seu-convivio>

COUTO, Mia, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Caminho, 2013.

DIAS Jorge / Guerreiro Viegas Manuel, *Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português: relatório da campanha de 1957 (Moçambique e Angola)*, Lisboa, Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar, 1958.

FERREIRA, Melo Francisco, *A apologia do sonho ou a infinita liberdade de ensinar*, Querença, Fundação Manuel Viegas Guerreiro, 2019.

FONSECA, Maria Lucinda, MELO FERREIRA Francisco “Manuel Viegas Guerreiro: evocação de um mestre e amigo” in *Finisterra*, janeiro 1998. (consultado a 8/10/2021) https://www.researchgate.net/publication/28181201_Manuel_Viegas_Guerreiro_evocacao_de_um_mestre_e_amigo

FONSECA, Maria Lucinda, MELO FERREIRA Francisco, *Manuel Viegas Guerreiro Mestre da Sabedoria do Mundo, Centro de Tradições Populares Portuguesas, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, Lisboa 1997.*

GUERREIRO, Martins Luísa, *Caderno de Campo Manuel Viegas Guerreiro Moçambique 1957*, Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, 2016.

GUERREIRO, Viegas Manuel, “Etnografia e Geografia: Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro”, in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, I*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1984.

_____, “O Homem e a Terra em um Poeta popular do Algarve”. *Natureza e paisagem*. Nº2, março. Lisboa, Secretaria de Estado do Ambiente – Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1977, pp. 52-55.

_____, « *Littérature Orale Traditionnelle Populaire* », Actes du Colloque, Paris 20-22 Nov. 1986, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian- Centre Culturel Portugais, 1987. Digitalizado e revisto por Domingos Morais em Novembro de 1999. (Consultado a 10/09/2021) in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.pdf>

_____, «A propriedade entre os Bochimanes de Angola», in *Finisterra*, Revista Portuguesa de Geografia. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1966, vol. I, n.º1, pp. 91-98

_____, «Literatura oral dos Macondes», in *Comércio do Porto*, 10 de Março de 1959.

_____, *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, M.E.C., Secretaria de Estado da Cultura, 1978.

_____, *Pitões das Júnias: esboço de monografia etnográfica*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1981.

_____, *Conto maconde de tema universal*, da missão de estudos das Minorias étnicas do Ultramar português- 261, Abril de 1961, Lisboa 1962.

KILANI, Mondher, « L'anthropologie de terrain et le terrain de l'anthropologie. Observation, description et textualisation en anthropologie » in *Réseaux. Communication - Technologie – Société*, 1987, pp. 39-78.

LEAL, João, « Étrangers au Portugal : l'anthropologie des communautés rurales portugaises dans les années 1960 » in *Bérose - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*, Paris, 2019, IIAC-LAHIC, UMR 8177.

_____, *Antropologia em Portugal Mestres, Percursos, Transições*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006.

LEITE Mendonça Rita, “Manuel Viegas Guerreiro”, *Dicionário de Historiadores Portugueses*, 2014, (consultado a 19/02/2022), <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/guerreiro.pdf>

LEVI-STRAUSS, Claude, *Anthropologie structurale II* [1973], Paris, Poche, 2003.

_____, *Race et Histoire*, Paris, Folio, 1952.

MONTESQUIEU, *De l'esprit des lois* (1748) Paris, Flammarion/GF, 2013.

MONTIEL, Edgar, *A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização*, in Antônio Sidekum. (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*, Ijuí, Unijuí, 2003.

Os versos de Francisco Martins Farias, poeta popular prefácio de Manuel Viegas Guerreiro, Querença, Junta de freguesia de Querença, 1991.

PINA Cabral, João, “Uma história de sucesso: a antropologia brasileira vista de longe”, in Wilson Trajano Filho e Gustavo Lins Ribeiro (orgs.), *O Campo da Antropologia no Brasil*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004, p. 249-263.

SANCHA, Teresa (ed.), *Manuel Viegas Guerreiro, 1912-1997: Etnólogo*, Lisboa, 2004.

SILVA, Agostinho, *Considerações [1944]*, in *Textos e ensaios filosóficos*, I, Âncora Editora, 1999.

_____, *Vida Conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

_____, *Textos Pedagógicos I*, Lisboa, Âncora Editora, 2000.

VIEGAS Matos Susana e PINA-CABRAL João de, «Na encruzilhada portuguesa: a antropologia contemporânea e a sua história», *Etnográfica* [Online], vol. 18 (2), (Consultado a 20/02/22) <http://journals.openedition.org/etnografica/3694>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3694>

<https://manuelviegasguerreiro.wordpress.com/quem-foi-manuel-viegas-guerreiro/>

<http://www.fundacao-mvg.pt/>